

## PARA UM MÉTODO TEOLÓGICO PENTECOSTAL

Fernando Albano<sup>151</sup>

### RESUMO:

Este artigo vai na direção dos esforços recentes para se articular um método teológico pentecostal. Esta reflexão sugere que é muito promissora para a teologia pentecostal atual, utilizar ou desenvolver um método de correlação, de viés pentecostal, com evidente atitude dialogal com a filosofia e as ciências humanas em geral. Assim, o método teológico pautado pela correlação apresenta o potencial de cultivar no seio pentecostal um diálogo criativo com o mundo atual, superando desta maneira, posturas teológicas fundamentalistas e ensimesmadas, que tendem ao desprezo do conhecimento acadêmico e científico. Sendo assim, como metodologia desse texto, são consideradas as fontes da teologia pentecostal, que devem ser consideradas para a elaboração de uma metodologia teológica adequada à sua experiência e tempo presente. A conclusão sugere uma integração da espiritualidade pentecostal/carismática com o método da correlação, para se construir uma abordagem teológica pentecostal, que reúne de forma equilibrada, a revelação/Palavra de Deus, razão e experiência religiosa sob a norma do Evangelho e do Pentecostes.

**Palavras-chave:** Método teológico; pentecostalismo; correlação; teologia pentecostal.

---

<sup>151</sup> Doutor em Teologia pelo Instituto de Pós-Graduação da Faculdades EST, São Leopoldo/RS. Professor de Teologia Sistemática na Faculdade Refidim, Joinville/SC. Contato: fernando@ceeduc.edu.br.

**ABSTRACT:**

This article goes in the direction of recent efforts to articulate a pentecostal theological method. This reflection suggests that it is very promising for current pentecostal theology to use or develop a method of correlation, with a pentecostal inclination, with an evident dialogical attitude with philosophy and human sciences in general. Thus, the theological method guided by correlation has the potential to cultivate within pentecostals a creative dialogue with the current world, thus overcoming fundamentalist and self-absorbed theological positions, which tend to disregard academic and scientific knowledge. Therefore, as a methodology of this text, the sources of pentecostal theology are considered, which must be considered for the elaboration of a theological methodology appropriate to its experience and present time. Finally, the conclusion suggests an integration of pentecostal/charismatic spirituality with the method of correlation, in order to build a pentecostal theological approach, which brings together in a balanced way, revelation/Word of God, reason and religious experience under the norm of the Gospel and Pentecost.

**Keywords:** Theological method; pentecostalism; correlation; pentecostal theology.

**INTRODUÇÃO**

A teologia cristã é um empreendimento rico e complexo que vem se desenvolvendo ao longo da história. Desde a Reforma do século XVI, surgiram novas abordagens teológicas e muitas denominações se multiplicaram. A teologia assumiu uma pluralidade de formas no século XX, principalmente diante dos desafios impostos pela Modernidade. Também, surgiram movimentos avivalistas, dentre eles o mais conhecido e impactante, ou seja, o pentecostalismo moderno. Assim, ampliou-se a complexidade do mundo cristão e, conseqüentemente do fazer teológico.

Surgiram teólogos no pentecostalismo comprometidos em fornecer as bases da teologia pentecostal, com propostas metodológicas compatíveis com a experiência e crenças pentecostais. Entre os mais notáveis podemos mencionar: Myer Pearlman, William Menzies, Roger Stronstad, Stanley Horton, Frank Macchia, Steven J. Land, Amos Yong, Bernardo Campos, Kenneth Archer e Craig S. Keener. Também, no contexto brasileiro, alguns reconhecidos nomes contribuíram (e contribuem) na direção de uma metodologia teológica pentecostal, tais como: Antonio Gilberto, Isael de Araujo, Esdras C. Bento, César Moisés Carvalho, Claiton Ivan Pommerening, Gutierrez F. Siqueira, Kenner Terra e David Mesquiati.

O pentecostalismo, convém destacarmos, é uma tradição teológica baseada no encontro com Deus através do Espírito Santo, manifestado em sinais e maravilhas, reconhecidos como evidência da presença redentora de Cristo, dirigindo os crentes e a história para o reino de Deus. A mensagem central do pentecostalismo é a salvação por meio de Jesus Cristo e o empoderamento dos crentes pelo Espírito Santo para a missão no mundo, conforme o paradigma de Pentecostes (At 2).

O objetivo deste artigo é explorar um método teológico pentecostal que inclua abordagens disciplinares reconhecidas, respeite a espiritualidade e a experiência pentecostais associadas a um método de correlação. Especificamente, sugerimos que o método da correlação pode ser adequado para a teologia pentecostal no cenário atual, caracterizado pela pluralidade e desafios de uma sociedade pós-moderna.

## **1. DEFINIÇÃO E FONTES DA TEOLOGIA**

Antes de apresentarmos os detalhes para a formulação de um método teológico pentecostal, devemos primeiramente ter uma compreensão clara do que

é teologia. Em nossa sociedade em que o pluralismo desempenha um papel tão significativo, o termo “teologia” pode significar coisas diferentes para diferentes teólogos. Portanto, precisamos iniciar com uma definição de teologia.

O termo “teologia” deriva de dois substantivos gregos: *Theós*, que significa Deus, e do acusativo *logia* que significa “oráculo”, “dito” “fala”, “declaração” ou “tratado” (1Pe 4.11).<sup>152</sup> Em Lc 4.32, *logos* é traduzido como “palavra ou ensino” (Jo 4.41).<sup>153</sup> Portanto, teologia em sentido direto é o discurso ou tratado sobre Deus.

Normalmente, associamos a teologia à questões abstratas, tais como: Deus pode ser um em três simultaneamente (Trindade)? Como pode Cristo ser divino e humano? Porém, não podemos restringir a teologia apenas a questões acadêmicas ou técnicas. Se a teologia é um ensino edificante relacionado à Deus e toca questões de “vida e morte”, então os teólogos não podem perder de vista o aspecto prático e de ação que envolve os estudos teológicos.

Millard Erickson, conhecido teólogo conservador, apresenta as seguintes características da natureza da teologia cristã: a teologia é bíblica, é sistemática; é elaborada no contexto da cultura humana; a teologia é contemporânea e é prática.<sup>154</sup> Assim, como podemos perceber, a teologia como esforço humano de compreender a pessoa divina e sua vontade para a humanidade é tema complexo e apresenta muitas facetas.

Há pelo menos três quesitos justificáveis para a necessidade da Teologia: a) É um instrumento apologético eficaz na superação de ideias equivocadas do ponto de vista da fé cristã (1Pe 3.15). b) Desenvolve o caráter e

---

<sup>152</sup> RIENECKER F.; ROGERS C. *Chave lingüística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 566.

<sup>153</sup> GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do N. T.: grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 97.

<sup>154</sup> ERICKSON, Millard. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 16.

prepara pessoas para a tarefa do ministério cristão. E, c) O conhecimento doutrinário é uma parte necessária da preparação de quem ensina a fé cristã (2Tm 2.15). Para Wolfhart Pannenberg, a teologia projeta um modelo “de mundo, ser humano e história como fundamentados em Deus”.<sup>155</sup> Caso for consistente, esse modelo pode ser relevante e amparar a vida de muitas pessoas e, principalmente, servir à causa do Evangelho. Portanto, o trabalho teológico, bem como sua sistematização se torna necessário, não apenas por uma questão teórica e acadêmica, mas, sobretudo, por uma questão existencial e de salvação. Ou seja, por conta do dilema humano de encontrar o fundamento último de sua existência e de seu mundo.

Tendo definido a teologia e compreendido sua necessidade, ainda que de maneira abreviada, é preciso considerarmos agora as fontes da teologia, antes de descrevermos o método propriamente dito. Porém, cabe ressaltarmos que, nem todas as possíveis fontes da teologia podem ser analisadas no escopo deste artigo, assim, nos ocuparemos com as que julgamos mais importantes para a teologia pentecostal, a saber: a revelação/Escritura, a razão e a experiência.

### **1.1 Revelação/Escritura**

A teologia pentecostal deve começar com a Escritura Sagrada, pois trata-se da fonte da qual derivam todas as crenças cristãs e é a autoridade final que determina o que a Igreja acredita. A Escritura é considerada pela fé pentecostal a própria Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo. Segundo a *Declaração de Fé* das Assembleias de Deus no Brasil, “a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus, única revelação escrita de Deus dada pelo Espírito Santo, escrita para a humanidade e que o Senhor Jesus Cristo chamou as Escrituras Sagradas de a

---

<sup>155</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009. p. 97.

‘Palavra de Deus’”.<sup>156</sup> Toda a Escritura é inspirada pelo Espírito Santo e, portanto, é nossa única regra de fé e prática. Os dois principais propósitos das Escrituras Sagradas são revelar o próprio Deus e expressar a sua vontade à humanidade.<sup>157</sup>

As Escrituras também são acolhidas pelo pentecostalismo como revelação pessoal e propositiva de Deus. Como disse Erickson, sendo a Escritura uma reprodução confiável da revelação, também é “revelação por derivação e tem o direito de assim ser chamado.”<sup>158</sup> Entretanto, o que entendemos por revelação? Como Deus se revela? Os pentecostais partem do pressuposto que Deus é acessível por meio da Sua revelação. Esta deve ser acolhida mediante uma experiência de encontro com Deus no Espírito. Trata-se daí de um conhecimento relacional e não um conhecimento de ordem meramente teórica ou especulativa.

A revelação refere-se a pessoas, objetos, ou qualquer coisa que esteja oculta e que possa ser conhecida ou trazida à luz. Significa literalmente “tirar o véu”, trazer ao conhecimento o que estava oculto. De acordo com a fé cristã, Deus é conhecido somente através da sua autorrevelação por intermédio de Jesus Cristo no Espírito Santo. À parte da sua iniciativa em se autorrevelar, Deus não poderia ser conhecido pelo ser humano.

Na revelação, Deus permite que o crente compreenda seus propósitos (Dt 4:29; Jr 33:3). Isso é necessário, pois, após a entrada do pecado no mundo, vemos o ser humano em um estado de ignorância e alienação em relação a Deus (Gn 3:1-10; 6.5; Sl 58:3; At 17:23-30; Ef 2:1-3). Segundo Paulo: “*Não há quem entenda, não há quem busque a Deus*” (Rm 3:11). Deus é, antes de tudo, o sujeito transmissor do conhecimento ao ser humano, e só pode tornar-se

---

<sup>156</sup> SILVA, Ezequias Soares da. (Org.) *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 25.

<sup>157</sup> SILVA, 2017, p. 26-27.

<sup>158</sup> ERICKSON, Millard. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 184.

objeto de estudo do mesmo à medida que este assimila e reflete o conhecimento transmitido pela revelação.

Para que o discurso teológico seja verdadeiro deve, portanto, partir do “discurso autorizado pelo próprio Deus”, e, este encontra-se nas Escrituras. Estas devem ser lidas e interpretadas pela Igreja, e, para tanto precisa da iluminação do Espírito Santo. Sendo assim, vamos em seguida ver sobre o papel do Espírito Santo na interpretação da Bíblia.

### O Espírito Santo e a interpretação das Escrituras

Para a teologia pentecostal, o Espírito Santo deve estar envolvido no processo de interpretação das Escrituras. Afinal, a obra do Espírito não terminou quando a última carta do Novo Testamento foi escrita. Antes pelo contrário, o Santo Espírito trabalha ao longo da história, orientando os teólogos da Igreja, quanto à formação do cânon e assegurando a transmissão adequada da Bíblia a partir dos autógrafos originais.

Reconhecemos o trabalho do Espírito Santo no curso da história, até os dias atuais. Historicamente, Deus se revela ao povo, tanto através de atos, quanto de palavras. Assim, O Espírito preserva essas tradições, primeiramente orais e, em seguida escritas, conforme o Espírito também inspirou os autores envolvidos na construção dos textos bíblicos. Estes foram aceitos como normativos para a fé da Igreja. Podemos afirmar que o Espírito através do processo de canonização, orientou na aceitação e reconhecimento dos textos bíblicos pela Igreja.

Atualmente, o Espírito Santo ilumina a mente e o coração do leitor para receber o significado do texto bíblico. Além disso, o Espírito Santo também nos permite aplicar essas coisas ensinadas em nossa vida. De fato, o auxílio do Espírito é imprescindível para uma correta interpretação das Escrituras, por conta da sua natureza.

A Escritura é um livro espiritual que foi “inspirada por Deus”. Assim, nós não somos capazes de acreditar verdadeiramente, sem o testemunho interior do Espírito Santo, quanto à sua autenticidade. Higgins escreveu:

Não somente foi o Espírito Santo responsável por registrar a mensagem da salvação que se acha nas Escrituras, mas também dá testemunho da veracidade destas. Posto que Deus haja falado na Bíblia ao gênero humano, agora o Espírito tem de convencer as pessoas quanto a isso.<sup>159</sup>

Apesar da Escritura apresentar autoridade em si mesma, o fato é que ela somente faz sentido e se torna normativa para aquele que experimenta o testemunho do Espírito Santo. Reconhecemos que a humanidade é pecaminosa, enquanto que a Bíblia é santa. A natureza depravada do ser humano deve ser reconhecida. As palavras do apóstolo Paulo aos coríntios são instrutivas nesse particular: “*Mas quem não tem o Espírito de Deus não pode receber os dons que vêm do Espírito e, de fato, nem mesmo pode entendê-los. Essas verdades são loucura pra essa pessoa porque o sentido delas só pode ser entendido de modo espiritual*” (NTLH). Desse modo, como disse Higgins: “Sua única esperança para receberem o entendimento espiritual, ou para perceberem a verdade da parte de Deus, é a iluminação do Espírito (Ef 1:18; 1 Jo 5:20)”.<sup>160</sup> O pecado tem destruído a nossa capacidade de fazer o bem (Rm7:13-25). Portanto, sem a obra de regeneração e iluminação do Espírito, não podemos ouvir a palavra de Deus no texto bíblico.

Entendemos que o objetivo do texto bíblico é o de transformar a vida do homem e da mulher, tanto em nível individual quanto comunitário. Deus por meio da sua Palavra, intenta aprofundar nossa relação com sua vontade. Logo, não se deve fazer teologia por mero interesse histórico ou literário, mas para efeito de

---

<sup>159</sup> HIGGINS, John R. A palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley. *Teologia sistemática*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 117.

<sup>160</sup> HIGGINS, 2008, p. 118.

conhecimento de Deus, para a transformação de vidas e edificação da Igreja de Cristo. Para isso ser possível é necessário o ministério do Espírito junto ao trabalho teológico. É a ação transformadora do Espírito Santo, que persistentemente luta conosco e impede que nossas interpretações e produções teológicas sejam apenas projeções de nossos desejos e ambições intelectuais.

## 1.2 Razão

A razão ocupa importante papel na construção de um sistema teológico, e, não deveria ser diferente na teologia pentecostal. Contudo, tem havido e ainda há muitas dificuldades e controvérsias em torno do papel da razão no método teológico pentecostal. Durante muito tempo os pentecostais apresentaram profundas desconfianças em relação à razão. Não é difícil de compreendermos essa dificuldade se lembrarmos que o pentecostalismo surgiu no início do século XX, em um período em que as igrejas estavam se sentindo ameaçadas pelo liberalismo teológico, que marcava os seminários da Europa e Estados Unidos. Assim, o pentecostalismo, com sua ênfase na experiência e na dimensão emocional da espiritualidade, de alguma forma, foi uma resposta crítica à ênfase racionalista defendida pelos liberais.

Em se tratando mais especificamente do pentecostalismo brasileiro, contribuiu de maneira decisiva para uma postura anti-intelectual, o fato da precariedade educacional no Brasil e o baixo nível educacional de muitos pentecostais. Assim, o resultado foi uma teologia de natureza mais bíblica, narrativa e experiencial, com pouco diálogo com a filosofia e outras áreas do conhecimento humano.<sup>161</sup>

---

<sup>161</sup> Claiton Pommerening em sua tese de doutorado, analisa com profundidade acerca da desconfiança pentecostal em torno do uso da razão na prática e teologia pentecostal. Cf. POMMERENING, Claiton. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. Tese [Doutorado em Teologia] – Programa de Pós-Graduação em Teologia, EST, São Leopoldo, 2015.

Contudo, segundo a Escritura, fomos feitos à “*imagem e semelhança de Deus*” (Gn 1:27), portanto, sendo Deus racional e sábio, a semelhança nossa com Ele, certamente inclui a nossa capacidade intelectual. Conseqüentemente, fazer uso da razão para acolher a revelação divina não se constitui, em si, qualquer erro. Aplicar a razão ao conteúdo bíblico, conhecendo o ambiente social e econômico em que surgiram os escritos da Bíblia, entre outros, têm se mostrado mais do que útil para se compreender a revelação de Deus. Portanto, a razão é de grande auxílio na produção do método teológico.<sup>162</sup> Os pentecostais na atualidade não deveriam rejeitar essa premissa fundamental.

Mas, nos termos de um método teológico pentecostal, como devemos entender a razão? Entendemos a razão dividida em duas formas: no seu aspecto instrumento/técnico e a razão “iluminada”. A primeira é a razão que produz o conhecimento técnico, acadêmico e científico. Já a razão iluminada é a razão extática, isto é, a razão iluminada pelo Espírito Santo que lhe permite acessar realidades espirituais e receber os conteúdos da fé (Rm 8:5; 1 Co 2:13-16). Em ambos os casos a razão não produz os conteúdos teológicos e/ou revelados, apenas é capaz de ser aberta à sua recepção existencial.

Embora a racionalidade iluminada pelo Espírito seja fundamental para o labor teológico pentecostal, não se pode desprezar a racionalidade lógica humana. Certamente que, a teologia necessita da lógica formal tanto quanto qualquer outra ciência. Afinal, a teologia quer ser a ciência da fé, a transmissão de conhecimentos ordenados e sistemáticos e, portanto, a lógica é inerente a esse processo.

Apesar do cuidado necessário para que não venhamos a cair em racionalismo teológico, na realidade quando a teologia afirma ser possível

---

<sup>162</sup> RAILEY, James H.; AKER, Jr. Benny C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, Stanley. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 49.

conhecer a Deus mediante a revelação, a razão não fica de maneira nenhuma anulada, porque sem razão não poderíamos discernir o que Deus está comunicando. Sem razão não poderíamos acolher a revelação nem interpretar nada. Portanto, a fé precisa da razão; mesmo que nossa tradição teológica pentecostal defenda as experiências espirituais, precisamos (quer queiramos ou não) utilizar a razão técnica para interpretar, para nós mesmos e para os outros, o que essas experiências significam e como estão fundamentadas nas Escrituras.

### **1.3 Experiência e narrativa**

Outras fontes importantes da teologia pentecostal são a experiência e a narrativa. Vamos analisar para fins didáticos, cada uma delas separadamente, ainda que na prática essas fontes estejam frequentemente unidas no pentecostalismo.

O que exatamente nós pentecostais queremos dizer com o termo “experiência”? Em princípio, a experiência refere-se ao encontro com Deus por meio do Espírito Santo, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, conforme registrado nas Escrituras e manifestado no dia de Pentecostes em sinais e maravilhas carismáticas. O apelo à experiência que os pentecostais enfatizam repetidamente exige mais do que a crença na possibilidade de uma experiência com Deus, antes, exige a experiência em si. Em outras palavras, para os pentecostais é um tipo particular de experiência (não a ideia da experiência como tal) que constitui a base para o surgimento de uma teologia pentecostal. Trata-se de um conjunto particular de experiências em torno do encontro imediato com o Espírito Santo, a saber: conversão, santificação, batismo do Espírito Santo, cura divina e o senso de chamado divino.

Pommerening, teólogo pentecostal, expressa bem a valorização da experiência no pentecostalismo:

A experiência com o Espírito Santo deveria permear todo e qualquer fazer teológico pentecostal e neste sentido é mais importante que a própria teologia em si, caso contrário produzirá teólogos e alunos frios com uma teologia estéril que não satisfaz às demandas da vida e das próprias exigências do Espírito.<sup>163</sup>

Porém, essa ênfase na experiência com o Espírito Santo, não deve ser mal entendida, como se os pentecostais rejeitassem ou negligenciassem a teologia racional e teórica. Em vez disso, a insistência é na vivência da teologia bíblica e, como tal, um padrão no fazer teológico. A principal ideia aqui, é que a teologia não pode existir meramente como “teoria sobre Deus”, sem ser praticada. Em seu enfoque na práxis, a teologia pentecostal, a experiência e a narrativa passam do âmbito privado e individual para a vida pública.

Douglas Jacobsen defende que a experiência é somente um aspecto da fé pentecostal porque desde os primórdios do pentecostalismo, experiência e teologia tem estado juntos, e a relação tem sido sempre recíproca. A experiência religiosa foi uma dimensão crucial desde as origens do movimento pentecostal, mas foi experiência guiada pela verdade teológica. A experiência sozinha foi considerada perigosa para a fé.<sup>164</sup> Jacobsen cita duas importantes referências pentecostais para ilustrar suas declarações: Lewi Pethrus e Charles Parham. O sueco Pethrus teve uma experiência mística acompanhada pelo falar em línguas em 1902. Posteriormente, interpretou sua experiência à luz do reavivamento em Los Angeles e passou a se autodenominar de pentecostal. Para ele, a linguagem

---

<sup>163</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. Fragmentos de uma teologia do Espírito para o pentecostalismo clássico. In: *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, 2014. v. 2. p. 466.

<sup>164</sup> JACOBSEN, Douglas G. *Thinking in the Spirit: the theologies of the early pentecostal movement*. Bloomington: Indiana University Press, 2003. p. 2-3.

teológica surge como segundo momento, como algo que ajuda na interpretação da experiência vivida.<sup>165</sup>

Outro exemplo, da relação entre experiência e teologia nos primórdios do pentecostalismo procede de Charles Parham e sua Escola Bíblica Betel em Topeka, Kansas. Durante o ano de 1900, e baseado em sua leitura da Bíblia, Parham veio a concluir que sempre que o batismo no Espírito Santo ocorre, este será confirmado pela evidência física do falar em línguas. Parham fez desta doutrina teológica o eixo central do currículo da sua escola, e encorajava seus estudantes a buscarem a concretização em suas vidas do batismo no Espírito, conforme prometido pelo texto bíblico. Seus estudantes aceitaram a provocação feita pelo professor e aguardaram pela experimentação do batismo. Durante o início de 1901, onze estudantes alegaram ter feito a experiência do Batismo no Espírito Santo com a evidência das línguas estranhas.<sup>166</sup> Assim, Parham interpretou a experiência dos seus estudantes como uma comprovação da verdade de sua teologia. Portanto, segundo Jacobsen:

Se experiência precede a teologia (como foi o caso com Lewi Pethrus) ou teologia precede a experiência (como foi o caso com os estudantes de Parham no Bethel Bible College), o ponto básico é o mesmo: Teologia e experiência influenciaram-se profundamente dentro do movimento pentecostal.<sup>167</sup>

Sendo assim, o pentecostalismo, tentaria integrar tanto a experiência quanto a doutrina. A experiência religiosa encontra seus limites em alguns elementos doutrinários herdados do protestantismo histórico, como por exemplo, a consideração pela Bíblia como palavra de Deus, também como regra de fé e

---

<sup>165</sup> JACOBSEN, 2003, p. 4.

<sup>166</sup> JACOBSEN, 2003, p. 3-4.

<sup>167</sup> Tradução própria. “*Whether experience preceded theology (as was the case with Lewi Pethrus) or theology preceded experience (as was the case with Parham’s students at Bethel Bible College), the basic point is the same: Theology and experience deeply influenced each other within the pentecostal movement.*” JACOBSEN, 2003, p. 5.

prática, acima de qualquer experiência. Lima, teólogo pentecostal, corrobora: “Nem profecia, nem sonho, nem revelação, nem experiência pessoal; por mais impactantes que sejam, têm autoridade semelhante ou superior à Bíblia Sagrada”.<sup>168</sup>

### 1.3.1 Narrativa pentecostal

A teologia pentecostal está presente de modo efetivo nas canções, testemunhos e narrativas e, portanto, não no formato de extensos tratados de perfil filosófico. Evidentemente que outras tradições cristãs também têm feito uso de canções, pregações e testemunhos para comunicar sua teologia, mas no caso pentecostal, por conta de sua tradição oral, estas formas de expressão acabam prevalecendo.

A teologia narrativa entende que a linguagem mais adequada para expressar a relação entre Deus e o ser humano são as histórias de fé. Estas narrativas partem de experiências que as personagens bíblicas tiveram com Deus. A linguagem narrativa seria a linguagem essencial da Bíblia. A narrativa expressa mediante as canções, ritos litúrgicos, sermões e principalmente a narrativa de conversão, testemunhos se constituem num processo contínuo de formação da identidade da comunidade de fé.

É amplamente aceito que a oralidade, o caráter intuitivo da teologia, fortemente apoiada na experiência religiosa, são características pentecostais. Estas

---

<sup>168</sup> LIMA, Elinaldo Renovato de. *Lições bíblicas*. O Deus do livro e o livro de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. (4º Trimestre), p. 83. Segundo Railey e Aker: “[...] as experiências variam entre si, e nem sempre se pode discernir com clareza suas origens. Uma fonte fidedigna de autoridade deve estar além dos aspectos variáveis que marcam a experiência; deve até mesmo ter a competência para contradizer e corrigir a experiência se necessário for. Não é fidedigna a experiência isolada e que se arvora como fonte de autoridade para mediar a revelação de Deus”.

se assemelham com os traços da proposta da narratividade.<sup>169</sup> Por outro lado, defendemos que a teologia pentecostal não pode permanecer na pura narratividade, pois então a teologia abdicaria da sua dimensão de *logos* da fé e ficaria apenas no âmbito do irracional e da experiência.<sup>170</sup> O teólogo Dietrich Ritschl corrobora este raciocínio ao escrever:

Naturalmente, em última análise, não somos dispensados de derivar resumos das *stories* percebidas e ouvidas e de formar conceitos por meio dos quais os resumos podem ser enquadrados e explicados de modo pertinente. Comunicação entre seres humanos nem sequer seria possível ou apenas de modo muito incompleto se quiséssemos renunciar completamente a resumos e conceitos. Muito menos seria possível uma ciência sem eles; pois ela opera com resumos de acontecimentos (ou do que foi narrado) e com grupos de conceitos que, como teorias, possibilitam explicações.<sup>171</sup>

Logo, a racionalidade e conceituação são inerentes ao trabalho teológico (como ciência da fé), e, como tal sistematiza, ordena, estabelece reflexão e relações teóricas, que de fato transcendem a mera narração de testemunhos de fé (embora legítimos em si). Também, como vimos, desde os esforços teológicos de nossos pioneiros pentecostais, fé e razão, narrativa e racionalidade andavam de mãos dadas.

### 1.3.2 A norma da teologia pentecostal

Após termos visto brevemente em que consiste as fontes da teologia pentecostal, nesse momento temos que definir um critério (ou, tema hermenêutico central) pentecostal ao qual tanto as fontes como a experiência mediadora devem

---

<sup>169</sup> CARVALHO, César Moisés. A narrativa como um caminho hermenêutico para uma teologia pentecostal do Espírito Santo. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 5, n. 2, p. 09-22, jul./dez. 2014. p. 9-22).

<sup>170</sup> RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 296-299.

<sup>171</sup> RITSCHL, Dietrich. O conceito de “*story*” na ética da saúde. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 65-82, 2007. p. 77.

se submeter. Segundo Erickson cada “teólogo precisa decidir-se sobre um tema particular que lhe seja de grande importância e utilidade na abordagem teológica geral. [...] Ele conferirá unidade ao sistema e, assim, força à sua transmissão”.<sup>172</sup>

A questão da norma ou critério da doutrina cristã surgiu muito cedo na história da Igreja. Ela assumiu uma resposta material e uma formal. No aspecto material, a Igreja criou um credo com a confissão de Jesus como o Cristo sendo central. No aspecto formal, a Igreja estabeleceu uma hierarquia de autoridades (bispos, concílios, etc.) que deviam salvaguardar a norma contra as heresias.

Posteriormente, a questão da norma no fazer teológico se tornou necessária no protestantismo. Isto ocorreu em um contexto de flagrante perda do prestígio das autoridades eclesásticas. Lutero criticou o sistema religioso romano com a norma material da “justificação através da fé” e a Escritura em interdependência mútua. Calvino fez da soberania de Deus a base de sua teologia.

No protestantismo moderno a norma da teologia sofreu novamente modificações, porque se alteraram o contexto histórico e cultural. Assim, a norma prevalecente no contexto da modernidade foi a imagem do Jesus “sinótico”, representando a pessoa humana ideal (ética).

No pentecostalismo atual, o teólogo peruano Bernardo Campos, propõe o princípio da pentecostalidade como a norma da teologia pentecostal.<sup>173</sup> Kenneth Archer, teólogo norte-americano, sugere o “Espírito, a Escritura Sagrada e a comunidade de fé” como princípios normativos para o método teológico pentecostal.<sup>174</sup>

Enfim, poderíamos mencionar muitos outros exemplos de diferentes normas utilizadas na teologia, sobretudo contemporânea, mas, esperamos que

---

<sup>172</sup> ERICKSON, 2015, p. 80.

<sup>173</sup> CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo: Recriar, 2018.

<sup>174</sup> ARCHER, Kenneth J. *A pentecostal hermeneutic: Spirit, scripture and community*. Cleveland: CPT Press, 2009.

tenha ficado claro a respeito da necessidade da norma na produção teológica, assim como dos ajustes na norma integradora. Tudo isso é comum no trabalho teológico, pois faz parte do processo de contextualização da teologia.<sup>175</sup>

A partir da tradição teológica do pentecostalismo, consideramos como a norma da sua teologia o conhecido “evangelho quártuplo” (Jesus salva, Jesus santifica, Jesus batiza no Espírito Santo, Jesus cura e Jesus em breve voltará) e o evento de Pentecostes.<sup>176</sup> Estes princípios pentecostais são derivados da Bíblia, especialmente dos Evangelhos e de Atos dos Apóstolos. À luz desta norma os pentecostais podem interpretar as Escrituras Sagradas, correlacionando-as com a sua experiência do Espírito de Deus. Portanto, a teologia pentecostal é de caráter predominantemente cristocêntrico e pneumatológico.

Também, cremos que, a norma pentecostal, apoiada nos cinco aspectos cristológicos e na experiência do Espírito, conforme Pentecostes, podem dialogar bem com uma abordagem teológica correlacional. Por exemplo, se Jesus salva e cura, cabe identificarmos a condição de perdição humana, bem como as condições de doenças das quais o ser humano precisa ser salvo e curado. Já com Pentecostes, aprendemos que o poder do Espírito, do qual foram investidos os discípulos veio como resposta à problemática da impotência e temores da comunidade cristã, frente à perseguição judaica e romana, bem como diante do desafio da pregação do Evangelho (Lc 24:48-49; At 1:8; 2). Logo, fica evidente a lógica da correlação, entre a resposta de Deus às questões que marcavam a Igreja primitiva. Defendemos que essa lógica da correlação pode ser aplicada perfeitamente ao método teológico pentecostal. É disto que trataremos no que se segue.

---

<sup>175</sup> ERICKSON, 2015, p. 81.

<sup>176</sup> YONG, Amos. *In the days of Caesar: pentecostalism and political theology*. Grand Rapids: Eerdmans, Sacra Doctrina: Christian Theology for a Postmodern Age Series, 2010. p. 121.

## 2. O MODELO CORRELACIONAL

Na primeira seção deste texto, apresentamos uma definição de teologia e defendemos que a Bíblia é o ponto de partida para se fazer teologia. Em seguida, apontamos para as fontes a serem usadas como entradas para a tarefa teológica e fizemos uma sugestão de norma hermenêutica para o labor teológico. Agora chegou o momento de apresentar o processo real a ser usado no método teológico pentecostal.

Com o termo “método” queremos designar um encaminhamento pelo qual se obtém um certo resultado. Ou, pode ser entendido como um conjunto de procedimentos utilizados para chegar ao alvo almejado.<sup>177</sup> Nosso alvo principal é servir à Palavra de Deus e à nossa comunidade de fé em nosso tempo; contribuir para a proclamação do Evangelho no mundo, pois, afinal, este é “*o poder de Deus para a salvação de todo o que crê*” (Rm 1:16). Sendo assim, o método em teologia pentecostal que pretendemos apontar é um método de correlação, pois compreendemos que a correlação entre o mundo da Bíblia e o nosso mundo é o papel essencial do esforço teológico.<sup>178</sup>

Essa correlação existe e pode ser discutida porque Deus é o autor tanto da revelação geral (incluindo a lei moral), que traz a consciência do pecado e

---

<sup>177</sup> DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1996. p. 324.

<sup>178</sup> *Método da correlação*. Quem bem utilizou este método em seu labor teológico, foi o conhecido teólogo Paul Tillich. Para ele, a teologia cristã deve começar pelas perguntas que as pessoas estão fazendo, para em seguida, ir para as fontes cristãs, ou seja, a Bíblia, a teologia e o pensamento cristão, caso contrário, seria como se a Igreja lançasse “pedras nas cabeças das pessoas”. Para ajudar na identificação dessas perguntas que inquietam a alma humana, a filosofia e as ciências humanas em geral, têm um papel fundamental. Daí, a ideia de correlação entre as questões humanas com a revelação divina (respostas de Deus). Para saber mais, confira: TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 7. ed. São Leopoldo: Faculdades EST/Sinodal, 2005.

contribui para a formulação das perguntas, e a revelação especial (centrado no Evangelho), que traz as soluções e respostas. Há correlação porque a revelação de Deus apresenta dois aspectos, a saber: a revelação original e a revelação dependente. A primeira encontra-se nas páginas da Bíblia, com a descrição da experiência direta que homens e mulheres tiveram com Deus e que ficaram registradas nas Escrituras Sagradas. Já a revelação dependente, é de natureza secundária, *a posteriori*, ou seja, feita por nós em nosso tempo e lugar. Ou, como escreve Roger Haight:

A revelação original situa-se na fonte da tradição religiosa e acha-se codificada nas Escrituras. A revelação dependente, por sua vez, é a contínua comunicação e recepção da revelação na comunidade. Conquanto dependente, ou seja, embora constitua uma recepção da tradição, a revelação dependente é, ao mesmo tempo, uma experiência existencial e histórico-social. A revelação sempre é recebida e experienciada agora, no interior da consciência humana em um dado momento qualquer.<sup>179</sup>

Consequentemente, a revelação original funde-se com as questões de nosso tempo e lugar, com isso a revelação de Deus é “colorida” por nossa recepção da revelação divina. Isto não significa a perversão da Palavra de Deus, ou torná-la refém de nossa subjetividade, como diriam alguns, muito menos afirmar com os neo-ortodoxos de que a Palavra de Deus é um mero acontecimento, e, portanto, não era realidade até o encontro com a nossa existência e recepção em fé. Nada disto! Antes, pretendemos afirmar que é inevitável a dimensão da recepção da revelação divina por nossa parte, logo, temos aqui a dimensão experiencial, de encontro com a revelação divina, hoje.

A face experiencial e receptiva da revelação são bem expostas pelos teólogos pentecostais James Railey e Benny Aker. Eles ao discorrerem sobre os “fundamentos teológicos” do pentecostalismo, mencionam a importância de possuímos um conceito claro de religião. Segundo os eruditos, a teologia sistemática deve partir da natureza da religião. Portanto, é justamente a partir

---

<sup>179</sup> HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 213.

desse esforço de levar em conta a religião, para em um segundo momento se elaborar uma teologia sistemática, que podemos perceber algumas pistas da necessidade de um método de correlação na teologia.<sup>180</sup>

De acordo com Railey e Aker, “os seres humanos, de modo geral, reconhecem que existe algo, ou alguém, além de si mesmos. E que, um dia, serão chamados a prestar contas diante desse alguém”.<sup>181</sup> Ainda mais: “O anseio do ser humano, quer individual quer coletivo, não deve ser desconsiderado nem tido de forma negativa”.<sup>182</sup> Contudo, como observam Railey e Aker, a religião, como a busca do ser humano por Deus, porém, não consegue fornecer alguma resposta satisfatória e, nesse sentido “a religião acaba por frustrar-se”. Mas, de fato, há pontos positivos nisso tudo: a busca por Deus e a pergunta pelo sentido da vida humana. Os referidos teólogos comentam sobre essa verdade: “Essa frustração, entretanto, não é o fim da história, uma vez que as pessoas começam a ter um senso de futilidade - o solo fértil onde germina e cresce o acolhimento da revelação divina”.<sup>183</sup>

Dessa maneira, a religião como busca e pergunta por Deus torna-se um ponto de contato, ou, na expressão dos teólogos: o “solo fértil” onde-se acolhe a revelação de Deus (resposta). Assim, temos aqui, o método de correlação entre os dois polos, a saber, a pergunta (busca) e a resposta (revelação). A resposta não faria sentido, sem a pergunta. Por outro lado, há pergunta porque existe uma resposta em Deus.

Também vemos o método de correlação nas entrelinhas dos “fundamentos teológicos” propostos por Railey e Aker, quando destacam o seguinte: “embora a matéria fundamental da teologia seja tirada da Bíblia, a

---

<sup>180</sup> RAILEY; AKER, 2008, p. 43-46.

<sup>181</sup> RAILEY; AKER, 2008, p. 44-45.

<sup>182</sup> RAILEY; AKER, 2008, p. 45.

<sup>183</sup> RAILEY; AKER, 2008, p. 45.

teologia também se interessa pela comunidade da fé de onde surgiu a revelação. E de igual modo se importa com a comunidade para a qual a mensagem será transmitida”.<sup>184</sup> Logo, temos em vista, o mundo da Bíblia e o mundo da recepção do texto sagrado, ou seja, a comunidade de fé. Sem a correlação entre esses polos, o trabalho teológico da Igreja fica comprometido. Afinal, como salientam os teólogos pentecostais, a teologia “empenha-se em ‘oferecer uma declaração coerente’ dos ensinamentos da Bíblia, ‘colocada no contexto da cultura em geral, expressada em linguagem idiomática contemporânea e relacionada com as questões da vida’”.<sup>185</sup> Assim, Railey e Aker (ainda que não usem explicitamente o conceito) corroboram a necessidade e utilidade de um método de correlação em teologia.

Deus nos fala na atualidade, por meio daquilo que Ele já disse no passado. Daí, a necessidade de uma correlação entre a nossa situação com suas questões existenciais, com as respostas oferecidas por Deus em Sua Palavra.<sup>186</sup> Um método de correlação, portanto, fundamenta-se nessa necessária fusão do

---

<sup>184</sup> RAILEY; AKER, 2008, p. 50.

<sup>185</sup> RAILEY; AKER, 2008, p. 50.

<sup>186</sup> O teólogo Roger Haight aponta várias qualidades do método de correlação. Primeiro, é apologético, pois visa tornar a mensagem cristã inteligível para a cultura contemporânea. Tal esforço é necessário se alguém quiser defender a verdade da revelação cristã. Em segundo lugar, o método é dialógico. Como disse Haight: “Reproduz a estrutura dialógica da interpretação”. Tal diálogo segue em duas direções: a consciência atual confronta o mundo dos símbolos tradicionais; e os símbolos da tradição confrontam o presente mundo da experiência. Em terceiro lugar, o método descreve em termos muito elementares como os seres humanos aprendem. Aprender implica basicamente em perguntas e respostas. A proclamação da mensagem cristã parte do princípio de que os símbolos do passado respondem a certas questões humanas fundamentais. Em quarto lugar, o método da correlação revela como a teologia sempre foi feita. Toda a história da teologia deve ser entendida como a identificação de novas questões, assim como a interpretação crítica ou reflexiva dos símbolos da fé cristã em resposta a essas questões. Finalmente, esse método é inevitavelmente situado historicamente. Portanto, se usado em diferentes contextos e culturas, produzirá resultados diferentes. Como método, a correlação não é nem mecânica e nem determinista. HAIGHT, 2004, p. 214-216.

passado e do presente na recepção da revelação. Além disto, como vimos acima, não se trata de uma abordagem estranha à teologia pentecostal.

Na sequência, procuraremos descrever de forma mais ampla, o que se passa no processo de um método de correlação em perspectiva pentecostal. Faremos a partir da seguinte formulação: das perguntas e da interpretação das respostas das Escrituras Sagradas.

### 3. ETAPAS DO MÉTODO TEOLÓGICO PENTECOSTAL

A teologia pentecostal consiste na tentativa de compreender o mundo, a existência, a história, Deus e a obra de Jesus Cristo à luz da Escritura, tendo como chave hermenêutica o evento de Pentecostes. Essa tentativa de compreensão resulta numa disciplina crítica; inclui o levantamento de perguntas e reflexões. Sendo assim, devemos nos ocupar com a origem dessas questões que dão surgimento ao trabalho teológico, bem como aos diferentes contextos que suscitam essas perguntas. Nesta seção, discorreremos sobre as etapas do método da correlação em perspectiva pentecostal, que visam operar a partir da relação pergunta e resposta. As etapas são: 1. Interpretação da experiência humana (perguntas/contexto); 2. Interpretação das Escrituras Sagradas; 3. Correlação das duas interpretações (situação e Escritura); 4. Aplicação/ação. 5. Validação do método teológico.

#### 1ª Etapa

A primeira etapa de um método teológico pentecostal será *reunir dados e perguntas através da observação e do diálogo com as ciências humanas e a*

*cultura em geral*. Todo teólogo (quer queira quer não) tem um julgamento preconcebido sobre a realidade. Ele deve enriquecer suas pressuposições através de leitura atenta, não só de livros, mas também de sua realidade vivencial.

Honório Rito expõe com clareza sobre a importância da análise da realidade como parte do método teológico:

Quando se fala de análise da realidade como parte do método teológico, o que se quer acentuar é que a teologia não poderia ter objetivos concretos se ela não parte de uma forma de análise da realidade, mas não se quer dizer com isso que haja um momento do processo teológico que esteja fora da ótica da fé e sem referência à Revelação. A análise de que se trata aqui é sempre análise à luz da fé e da Palavra de Deus. Isso se faz hoje uma maneira sempre mais comum de proceder na teologia. Na medida em que se supera uma teologia abstrata e separada da vida, o método de analisar os problemas da vida do homem de hoje entra sempre mais a fazer parte do processo teológico.<sup>187</sup>

Isso deixa claro que devemos ao analisar a realidade à luz da revelação, identificar as perguntas que inquietam as pessoas, cujas respostas se encontram na fé cristã. Assim, é recomendável atentar para o conjunto de elementos da arte, da religião, da música, e da política de uma cultura, ou seja, toda a expressão da mentalidade, ou da perspectiva de determinada sociedade. Certamente, não é um procedimento simples.

Dado a complexidade da tarefa, será útil o conhecimento advindo da sociologia, filosofia, psicologia, etc. Esses saberes podem fornecer ferramentas para uma adequada hermenêutica da situação existencial, que se pretende comunicar a Palavra de Deus. Essa situação presente (realidade), lida a partir das ciências humanas, finalmente acabará por identificar uma série de negatividades que “gritam” por cura e salvação. Haight descreve bem o caráter dessa negatividade:

O que é experienciado é o que está aí, mas existe algo de errado. Não se trata da simples falta de alguma coisa, de um

---

<sup>187</sup> RITO, Honório. *Introdução à teologia*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 125.

vazio; o que é deveria ser diferente. É possível até que não se saiba ao certo como se deveria ser a justa ordem das coisas; sabe-se, no entanto, que o que aí está não é razoável e apresenta distorções.<sup>188</sup>

Podemos mencionar um exemplo bíblico: a Palavra comunicada pelos profetas que demonstram o caráter e a vontade salvífica de Deus é gerada por uma experiência negativa, a saber a idolatria e as injustiças sociais. É possível identificar uma série de negatividades em nosso contexto de vida. E, é justamente a partir dessas negatividades que surgem as perguntas, sobretudo, questões que tocam no tema da salvação. Ou seja, na superação do negativo da existência, na vitória sobre o mal e o pecado.

## 2ª Etapa

Em seguida, procura-se fazer a *compilação dos dados bíblicos*, assim como a análise do sentido dos textos escolhidos. Portanto, estamos falando da necessidade da prática da hermenêutica bíblica. Na hermenêutica, geralmente feita pelos teólogos pentecostais, existem alguns princípios interpretativos normativos. Alguns desses princípios estão embutidos na própria Escritura e também são seguidos por outras confissões cristãs evangélicas. Em seguida, apresentaremos de maneira breve esses princípios hermenêuticos.

### a) O Princípio da Interpretação Literal

Essa é uma abordagem do senso comum. A regra de ouro dessa interpretação é: “Quando o significado claro da letra da Escritura faz sentido comum, não procure outro sentido”. Portanto, considere cada palavra em seu sentido primário, usual, a menos que os fatos do contexto imediato, estudados à luz de outras passagens relacionadas indicam claramente o contrário.

### b) O Princípio Contextual

---

<sup>188</sup> HAIGHT, 2004, p. 2017-218.

Alguém já disse: “Texto fora de contexto serve para pretexto”. Diante disso, devemos tomar cuidado com os textos tirados do contexto para fundamentar nossas ideias teológicas. Vale lembrar que a palavra texto é derivada da palavra latina, que significa “tecer”. O contexto é aquilo que acompanha o texto.

c) O Princípio da Revelação Progressiva

Deus iniciou a revelação, contudo Ele não revelou suas verdades todas ao mesmo tempo. Foi um processo longo e progressivo. Por isso, devemos levar em conta o estado atual da revelação para entender adequadamente uma passagem em particular. Por exemplo, o Antigo Testamento é compreendido como o predecessor do Novo Testamento.

d) O Princípio do Gênero Literário

Gênero é um termo literário relacionado à categoria da literatura em consideração. A interpretação apropriada deve levar em consideração o tipo de texto da passagem bíblica que se quer entender. Então, estamos lidando com poesia ou prosa? Estamos lidando com história ou profecia?

e) O Princípio Gramatical

A Bíblia foi originalmente escrita em três idiomas: hebraico, aramaico e grego. Embora tenhamos várias traduções altamente precisas da Bíblia em português, toda tradução envolve interpretação por parte do tradutor. Por esse motivo, o estudo dos significados das palavras, gramática e sintaxe das línguas originais é importante para a compreensão adequada das Escrituras.

### 3ª Etapa

A terceira etapa consiste em *fazer a correlação das duas interpretações* (situação/contexto e Escrituras). O teólogo deve pegar todos os dados reunidos (existenciais e bíblicos) e construir um modelo (ou hipótese) que melhor explique os dados em questão. Tal esforço geralmente envolve criatividade e imaginação

por parte do teólogo. Deve aqui tomar o cuidado para não forçar os dados bíblicos, a apresentarem respostas fora do seu contexto de origem (eixegese), assim como a desconsiderar as perguntas existenciais que foram identificadas na primeira etapa.

Devemos considerar seriamente, a finalidade salvífica da Palavra de Deus. Teologia é investigação e essa principia pela formulação de perguntas e pela busca de respostas. Como dissemos, geralmente as perguntas partem das negatividades da existência e as respostas da parte de Deus envolvem, portanto, a cura e a salvação dessas ameaças à vida humana, tanto no plano histórico quanto para a eternidade. Jesus Cristo, o centro da Escritura é a própria presença de Deus na história, trazendo-nos a salvação. Não à toa que a teologia pentecostal, sintetizou a dimensão salvífica de Jesus nos seguintes pontos: Jesus cura, Jesus salva, Jesus santifica, Jesus batiza no Espírito Santo e Jesus voltará.

#### **4ª Etapa**

A quarta etapa está relacionada à *aplicação das descobertas e/ou elaborações teológicas feitas*. A teologia deve estar a serviço da vida, portanto, deve concluir *sua* tarefa com aplicação à comunidade de fé e à sociedade em geral. Todo esforço de desenvolver um método confiável, que permite coletar dados, analisa-los e formular hipóteses, finalmente deve resultar em um corpo de conhecimentos que abençoa a vida humana. A boa teologia conduz-nos à vida, à experiências com o Espírito Santo e à prática missional.

Boa parte dos aspectos da teologia estão ligados com o comportamento cristão. De fato, não é exagero afirmar que toda boa teologia redundará em uma boa teologia prática. A teologia não é apenas um conjunto de ideias abstratas sobre Deus e a vida. Mas, antes, diz respeito de verdades com viés prático que visam cooperar para a expansão do reino de Deus na história, na salvação e

santificação de pessoas. Não podemos ficar satisfeitos com um conhecimento meramente teórico acerca do Evangelho, afinal, é seu propósito principal a transformação da mente dos indivíduos e comunidades, levando-os à conformação à pessoa de Cristo (Rm 12: 1–2; Ef 5: 1; 1 João 2: 6).

Em suma, o método teológico pentecostal que recomendamos requer que alguns passos sejam dados, a fim de encontrar as perguntas que marcam o contexto de vida, identificar e interpretar a Escritura, correlacionar os dados entre si (culturais/filosóficos e bíblicos) e, então, na força do Espírito Santo, aplicar corretamente a mensagem de Deus para propósitos redentores.

## 5ª Etapa

A *validação do modelo teológico* é a quinta etapa. Quais são os critérios para testar métodos teológicos? Um modelo teológico deve ser considerado válido se passar por cinco critérios: consistência, coerência, abrangência, aplicabilidade e pentecostalidade. Consistência é a ausência de contradições dentro do método. A coerência significa que a unidade e harmonia do método podem ser visualizados através dos relacionamentos dos vários itens ou tópicos do método. Ou seja, os dados “colados” uns aos outros de uma maneira sensata, sem flagrantes rupturas internas. A abrangência implica que um modelo teológico pentecostal deve apresentar uma tentativa de formular uma visão de mundo. Como um bom exemplo dessa verdade, consideramos a *Teologia Sistemática*: uma perspectiva pentecostal, editada por Stanley Horton. Essa obra apresenta uma visão de fé e de realidade de ordem pentecostal.<sup>189</sup>

A aplicabilidade à nossa experiência de fé. A teologia deve ser útil para vidas humanas concretas, tanto em nível individual quanto comunitário. Evidentemente, não estamos defendendo aqui que a mensagem teológica deve ser

---

<sup>189</sup> HORTON, 2008.

aceitável a todos, principalmente às pessoas não comprometidas com Deus. Então, o objetivo é garantir, tanto quanto possível, que a mensagem seja compreendida e aplicável à situação contemporânea.

Um critério final para uma metodologia teológica pentecostal adequada é a pentecostalidade. Este termo teológico foi bem trabalhado por Bernardo Campos, e significa: “aquela experiência universal que expressa o acontecimento de Pentecostes em sua qualidade de princípio ordenador da vida daqueles que se identificam com o avivamento pentecostal e, por isso, constroem desde ali uma identidade pentecostal”.<sup>190</sup> O “princípio pentecostalidade” é a força do Espírito Santo que concede poder ao ser humano para superar os condicionamentos que tentam reduzir a sua humanidade. Assim, um bom método teológico é aquele que potencializa a experiência pentecostal, que não contradiz o avivamento do Espírito e, portanto, alinha-se à pentecostalidade da Igreja.

Por fim, se o método teológico falhar em qualquer um desses pontos sinalizados acima, ele deve ser descartado, ou pode precisar de refinamentos. Vale lembrar que estamos lidando com a Palavra de Deus, a fé cristã e com vidas humanas.

## CONCLUSÃO

O método teológico pentecostal deve ser feito de forma holística e correlacional. Isto implica em escutar atentamente as perguntas de nossa realidade atual, e, assim, dialogar com as ciências humanas, etc. Sem contudo, comprometer as respostas oferecidas pela Palavra de Deus, mas, pelo contrário, estar a seu serviço, para tanto, sugerimos que o método de correlação em perspectiva pentecostal deve ser desenvolvido a partir de uma adequada

---

<sup>190</sup> CAMPOS, 2018, p. 105.

conjunção de revelação/Palavra, razão e experiência sob a norma do evangelho quádruplo e do Pentecostes.

Essa é a espinha dorsal do método teológico, que somente será útil se contribuir para a manutenção e atualização da identidade pentecostal em nosso tempo, assim como se puder ajudá-lo em sua missão de comunicar o Evangelho, no poder do Espírito Santo.

## REFERÊNCIAS

ARCHER, Kenneth J. *A pentecostal hermeneutic: Spirit, scripture and community*. Cleveland: CPT Press, 2009.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo NTLH*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo: Recriar, 2018.

CARVALHO, César Moisés. A narrativa como um caminho hermenêutico para uma teologia pentecostal do Espírito Santo. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 5, n. 2, p. 09-22, jul./dez. 2014.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1996.

ERICKSON, Millard. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ERICKSON, Millard. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do N. T.: grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GRENZ, Stanley J.; MILLER, Ed. L. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século 20*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

HIGGINS, John R. A palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley. *Teologia sistemática*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 117.

HORTON, Stanley. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

JACOBSEN, Douglas G. *Thinking in the Spirit: the theologies of the early pentecostal movement*. Bloomington: Indiana University Press, 2003.

LIMA, Elinaldo Renovato de. *Lições bíblicas*. O Deus do livro e o livro de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. (4º Trimestre).

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009.

POMMERENING, Claiton. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. Tese [Doutorado em Teologia] – Programa de Pós-Graduação em Teologia, EST, São Leopoldo, 2015.

POMMERENING, Claiton Ivan. Fragmentos de uma teologia do Espírito para o pentecostalismo clássico. In: *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, 2014. v. 2.

RAILEY, James H.; AKER, Jr. Benny C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, Stanley. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.

RIENECKER F.; ROGERS C. *Chave lingüística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

RITO, Honório. *Introdução à teologia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

RITSCHL, Dietrich. O conceito de “*story*” na ética da saúde. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 65-82, 2007.

SILVA, Ezequias Soares da. (Org.) *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 7. ed. São Leopoldo: Faculdades EST/Sinodal, 2005

YONG, Amos. *In the days of Caesar: pentecostalism and political theology*. Grand Rapids: Eerdmans, Sacra Doctrina: Christian Theology for a Postmodern Age Series, 2010.